

## Pandemia e narrativas: uma crise multidimensional

**Ergon Cugler de Moraes Silva**<sup>18</sup>

Em tempos de pós-verdade, a guerra das narrativas se entrelaça com a rotina ao ponto que nos desacostumamos do real — fica comum nos depararmos com *fake news* e desacreditarmos da informação que nos chega. Em março (10), o presidente Jair Bolsonaro chamou a pandemia de “fantasia propagada pela mídia”, no esforço de polarizar junto à crise. Duas semanas após a primeira confirmação de coronavírus no país, no entanto, pesquisadores apontaram o aumento no nível de populismo do presidente (MILITÃO, 2020) com a convocação de manifestações em favor de seu governo.

Na disputa da narrativa, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, chegou a afirmar que “o fim do isolamento [propagado pelo Executivo] foi pressão da Bolsa de Valores” (TURTELLI, 2020). No mesmo fôlego, com a aprovação do Auxílio Emergencial na Câmara e no Senado, a cena se desdobrou entre o Executivo tentando puxar para si a iniciativa da destinação de recursos (de R\$600 por pessoa) e o Congresso alertando que, se o Executivo quisesse, teria preparado MP para liberação de recursos antes da aprovação do projeto.

---

<sup>18</sup> Graduando em Gestão de Políticas Públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador associado ao Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas “Professor Doutor José Renato de Campos Araújo” (OIPP) e ao Grupo de Estudos em Tecnologias e Inovações na Gestão Pública (GETIP).

Ainda assim, mesmo com a aprovação no Senado, passaram-se dois dias para então o Executivo sancionar a medida, apontando ainda que seria necessária uma nova PEC para se somar à MP e ao Decreto ainda em elaboração pelo governo. Porém, um estudo do IPEA (2020) trouxe à luz que, dentre 59,2 milhões de brasileiros aptos para o Auxílio, 48,3 milhões (81,7% do total) poderiam ter recebido o recurso de imediato, destoando da narrativa do Executivo. Para além, no cenário de menor agilidade do Executivo em empenhar esforços em localizar os beneficiários fora do Cadastro Único, o Auxílio poderia deixar de chegar em 8,8 milhões de famílias (23,9 milhões de pessoas), reduzindo os custos em até R\$ 20 bilhões.

Por um lado, o Executivo pareceu apostar na omissão como estratégia para postergar a entrega do Auxílio e testar a fome da população, jogando culpa na burocracia para ver quem volta à postos. Por outro lado, a janela de oportunidade que congregou a comunidade científica e a urgência do povo pela preservação da vida aproximou agentes políticos nos mais diversos setores para alertar às armadilhas retóricas.

Ocorre que, se em meio à rotina o país governado pelo obscurantismo já colhe tragédia, durante uma pandemia a letalidade passa a ser potencializada pela irresponsabilidade e ingerência daqueles que governam. Evidência disso, estudo realizado por economistas da Faculdade Getúlio Vargas e da Universidade de Cambridge (AJZENMAN, CAVALCANTI, DA MATA, 2020) apontou relação direta entre as declarações do presidente ao contrariar recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o não cumprimento do isolamento social pela população.

Na obra *Os Engenheiros do Caos*, Giuliano Da Empoli (2019) aponta que o caos gerado pela polarização constante propicia a superexcitação do engajamento, sem considerar se o conteúdo é verdadeiro ou falso. Como exemplo, da criminosa acusação que a China teria produzido arma biológica à irresponsável minimização da crise junto à convocação de manifestações, o bolsonarismo se beneficia ao ter sua base mais fiel instigada por teorias da conspiração. Pois, ao governar apenas para seus seguidores, no esforço de garantir a base necessária à sobrevivência, Bolsonaro constitui um Governo de nicho, dissolvendo gradualmente a responsabilidade do Executivo em garantir a ampla produção de políticas públicas para os diversos setores da sociedade.

Em uma espécie de Revolta da Vacina às avessas, enquanto parcela da população brasileira se sensibiliza em evitar circulação e conter o contágio, o Governo Federal — que deveria ter comando no combate à crise —, surfa às custas do caos. Em meio às crises — nos recorda Bobbio (2017) —, a sobrevivência do sistema político deve ser buscada na sociedade civil, sendo essa a fonte de legitimação para a condução do Estado. A saúde, como recorda Sergio Arouca (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1986), está para além da simples ausência de doença, mas como direito ao bem-estar físico, social, afetivo, mental, econômico, político e da ausência de medo em suas múltiplas formas. Tal como, enquanto a saúde demanda dimensões diversas para sua existência, a crise que enfrentamos ultrapassa o campo da medicina e se prova cada vez mais multidimensional. Como é possível, portanto, garantir a saúde da nação se seus pilares adoecem com tal crise multidimensional?

A própria disputa política da hidroxicloroquina evidencia a fragilidade dos signos e responsabilidades estabelecidas no país. Por um lado, temos uma sociedade civil que cobra ações do governo, por outro, temos a espera de postura do Estado. Ocorre que a assincronia de informações entre governo e Estado imobiliza ações coordenadas e, com a dicotomia embaralhada, a resposta que recebemos vem especialmente do governo ao disputar a opinião pública sobre o uso da medicação com o próprio corpo técnico do Estado — sejam médicos, pesquisadores ou cientistas.

Fato é que diante da instabilidade do Governo Federal e sua desarticulada relação com estados e municípios, temos uma crise multidimensional que, portanto, passa pela saúde, pela economia, pelas desigualdades, pelas instituições, pela política, pelo sistema e pela própria concepção de Estado, governo e sociedade. Eis que, com o governo omissivo do Estado, corremos o risco de afastar ainda mais a sociedade civil da condução da nação, colocando apenas o quadro técnico — polarizado com o discurso do governo —, para gerir a crise nas vias da tecnocracia. Evidente que a guerra contra o vírus demanda expertise científica e médica, mas a superação de uma crise multidimensional demanda respostas multidimensionais; até porque, como aponta o próprio Arouca, como ponto de partida, “democracia é saúde” e “saúde é democracia” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1986).

Nesse sentido, o valor da democracia se reforça com as crises escancaradas pela pandemia; e a tradução dos signos fundantes se apresenta como um desafio estrutural para a retomada não apenas do desenvolvimento, mas pela preservação da vida. Eis a urgência em se reafirmar o pacto social com a valorização qualitativa da democracia como projeto civilizatório, pois apenas da

unidade do povo diante da crise que é possível constituir sociedade civil forte o suficiente para conduzir o Estado rumo à sua saúde.

Vale citar que, apesar de se reconfigurar a geopolítica mundial com os arranjos do mercado em meio à pandemia, a conscientização do povo não é algo garantido, como alguns anunciam. A própria disputa do pós-Pandemia já ocorre. Por um lado, Bolsonaro diz que as medidas dos governadores irão prejudicar a economia e não evitarão mortes; por outro, a oposição afirma que, se não fossem as medidas de isolamento social, o cenário seria pior. No entanto, enquanto a oposição trabalha com a suposição baseada em evidências científicas, Bolsonaro aposta no empirismo da tragédia social. Pois, como aponta o médico infectologista Evaldo Stanislau, "A questão é que, quanto mais você controla [a doença], mais dá munição a quem insiste em falar que não é grave" (TEIXEIRA, 2020).

A maior ameaça para um Governo de nicho, porém, é o diálogo para além das margens. Diante das narrativas em disputa, a clareza inegociável que devemos ter é que não há resposta para crise qualquer sem que o povo esteja em sua construção, condução e objetivo. Surge, no entanto, a oportunidade de se propor alternativas que consolidem a prática e ágil rede de solidariedade que a sociedade civil exercita mesmo diante das crises.

Aliás, no desafio articulado de se combater a crise multidimensional que enfrentamos, nosso objetivo também se torna o ponto de partida para qualquer ação: fortalecer a democracia para que então existam condições de saúde digna e bem-estar da nação.

### **Referências bibliográficas:**

MILITÃO, Eduardo. **Estudo aponta aumento do nível de populismo em convocação de Bolsonaro.** In: UOL. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/10/jair-bolsonaro-populismo-byu-ufmg-discursos-manifestacoes-15-marco-roraima.htm>>. Acesso em: 05 maio 2020.

TURTELLI, Camila. **Maia repete que pressão para fim de isolamento vem de investidores da bolsa.** In: UOL. 2020.

Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/25/maia-repete-que-pressao-para-fim-de-isolamento-vem-de-investidores-da-bolsa.htm>>. Acesso em: 05 maio 2020.

DE SOUZA, Pedro H. G. Ferreira; SOARES, Sergei; PAIVA, Luís Henrique; BARTHOLLO, Leticia. **Estimativas de público elegível e custos do benefício emergencial criado pelo PL 9.236/2017.** Brasília. 2020. Disponível em:

<[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200401\\_nota\\_tecnica\\_disoc.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200401_nota_tecnica_disoc.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2020.

AJZENMAN, Nicolas; CAVALCANTI, Tiago; DA MATA, Daniel. **More Than Words.** São Paulo. 2020. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3582908](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3582908)>. Acesso em: 05 maio 2020.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do Caos.** Tradução Arnaldo Bloch. 1. ed. Vestígio. São Paulo. 2019. ISBN 978-85-54126-60-5.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde.** Brasília. 1986. Disponível em: <[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8\\_conferencia\\_nacional\\_saude\\_relatorio\\_final.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf)> Acesso em: 05 maio 2020.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade.** 1. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2017. ISBN 978-85-77533-65-7.

TEIXEIRA, Lucas Borges. **'Podemos ser vítimas do nosso sucesso', diz médico, sobre isolamento social.** In: Bol. 2020. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/04/24/podemos-ser-vitimas-do-nosso-sucesso-diz-medico-sobre-isolamento-social.htm>>.

Acesso em: 05 maio 2020.